

ESCREVER NA UNIVERSIDADE

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade**: fundamentos. v. 1. São Paulo: Parábola, 2019, 126 p.

Robson Figueriedo Brito¹

“Ler e escrever são atividades inter-relacionadas. Assim escrevemos para alguém ler e lemos para compreender os sentidos do texto que alguém escreveu” (VIEIRA; FARACO, 2019, p. 08). Os autores dessa obra, já em seu título *Escrever na universidade*, nos revelam que vamos ser contemplados com a ação do verbo que dá origem a este trabalho: escrever, no infinitivo. Essa ação verbal tão cara à comunidade univeristária nos leva a refletir a partir dos elementos constituintes dessa coleção, produzida com a chancela da Editora Parábola, que o ato de escrever e as suas funções emergem de uma prática social e ideológica e se torna importante para a relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, posto que integram o trabalho univeristário.

Os autores são professores universitários que se dedicam aos estudos da Língua (gem) e contribuem especialmente nessa obra com práticas de letramento acadêmico, que são necessárias ao saber-fazer na Universidade.

O primeiro autor, *Carlos Alberto Faraco*, Doutor em Linguística, pesquisador da área, reconhecidamente um professor que sempre se dedicou aos estudos das práticas de leitura e escrita, Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná e vinculado ao Grupo de Pesquisa HGEL-Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (UFPB/CNPq), junto do professor *Francisco Eduardo Vieira*, Doutor em Linguística, professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, pesquisador na área, deixam entrever, já na apresentação da coleção, que a escrita é uma prática que envolve atividades múltiplas e complexas, como escutar, falar ler e escrever, e se fazem presentes em experiências de Letramento na esfera da Academia.

Na apresentação que os dois autores constroem, há indícios consideráveis a respeito do domínio da escrita como condição *sine qua non* para o estudante universitário se constituir como sujeito acadêmico, uma vez que fica imerso nesse contexto de práticas de leitura e

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor do Departamento de Filosofia e Pesquisador do NELLF (Núcleo de Estudos da Linguagem, Letramentos e Formação) do PPG-Letras, da PUC Minas. E-mail: robsonpucminas@gmail.com.

escrita específicas, como produção de relatório, resenhas, TCC, dissertações e teses, obras de referências e literaturas de apoio, em cada esfera do conhecimento científico.

Além do mais, os autores sinalizam para o leitor qual é o seu lugar de dizer: “decidimos oferecer a você uma oportunidade de revisitar o trabalho da escrita” (VIEIRA; FARACO, 2019, p. 07), e mais, deixam uma marca relevante de que esse trabalho se ancora em sua experiência docente com o ensino acerca da produção de textos. Ademais, indicam quem é o seu interlocutor principal: o estudante universitário brasileiro.

A obra começa com os fundamentos das atividades de leitura e escrita, e os autores têm o cuidado de trazer para o leitor, já no limiar desta fundamentação, o que ele encontrará no livro: atividades práticas que possam contribuir para sua descoberta de escrever melhor. Por essa razão, destacam os pressupostos nos quais se ancoram e que vão orientar essas atividades, tais como: a) percepção do que é escrever; b) controle dos processos de organização textual e por fim: c) conhecimento das principais características de modalidades da escrita formal.

Vale ressaltar que, na primeira unidade, intitulada “Escrever não é o mesmo que falar”, os autores didatizam de um modo bastante interessante que as ações de falar e escrever, embora sejam diferentes, estão em processo de inter-relação, porque colocam a língua em funcionamento, o que modifica o processo de interlocução. Tanto é assim que os professores não deixam de marcar que, na fala, os interlocutores podem estar presentes na cena de enunciação, ao passo que, muitas vezes, na escrita, eles se ausentam ou mesmo estão na virtualidade. Tudo isso requer, do sujeito acadêmico, habilidades peculiares para produzir, sobretudo, o ato de escrever.

Cabe destacar, nesta unidade 1, o trabalho com as origens da escrita, as suas funções sociais, a diferença entre falar e escrever, o registro de princípios próprios do português brasileiro contemporâneo, a importância de assunção, no campo da escrita, das condições/posições discursivas de autor/leitor do texto, a necessidade essencial para se definir quem é o autor presumido do texto, ressaltando suas características sócio-históricas e, por fim, a essencialidade do processo de circulação dos textos nos diversos contextos, mas com ênfase ao domínio acadêmico-científico como esfera dessa circulação.

De maneira bem didatizada, o leitor atento vai percebendo o *modus*, a forma do processo de textualização proposto por esses professores de produção de texto, que oferecem textos de revistas como a *Veja*, a revista de *Ciência Hoje das Crianças*; as *Revistas*

Científicas, a Revista de Estudos Clássicos e os textos de autores da Literatura Brasileira, como o do nosso mineiro Drummond.

Continuando na direção de oferecer protocolos de leitura de maneira bem prática, na segunda unidade, os autores apresentam em “Ler e escrever, escrever e ler” a concatenação destas ações fundamentais na prática de letramento, para orientar o leitor sobre os procedimentos essenciais de textualização específicos e geradores de cada gênero textual, dando realce ao aspecto de construção/produção de sentido do texto.

Além disso, marcam, nessa unidade 2, a importância da ativação de conhecimentos prévios do leitor para a sua atuação como agente das práticas de leitura e escrita, com as quais deve se familiarizar na esfera universitária para se constituir como interpretante/escrevente habilidoso neste universo, demonstrando que, bem ao modo de Bakhtin, todo texto tem autor e não há palavras neutras na escrita e no discurso, nem se pode ler sem compreender o contexto socioideológico que sustenta as práticas de ler e escrever e escrever e ler.

Na terceira unidade, que toma “A escrita como espaço de variação”, os pesquisadores da língua(gem) evidenciam o fenômeno da variação linguística e põem em cena que as práticas de escrita também são perpassadas por este fenômeno. Discutem a questão da noção de gênero textual e demarcam situações de produção que vão da escrita de um *e-mail*, passando por processos de identificação de verbete, comentário, texto científico e texto publicitário, com o assunto delimitado que, no caso, é o ser vegano. Com essa ação, os autores fazem com que o leitor perceba, em cada um dos gêneros textuais em tela, as suas diversas formas composicionais, assinalando os graus dessa formalidade e levando o leitor a realizar um exercício de produção escrita de uma carta para fazê-lo trafegar entre os registros formal e ultraformal do português.

E, por fim, na quarta unidade, “A escrita na universidade”, os professores-pesquisadores evidenciam a heterogeneidade dos textos escritos, pois estes representam as mais variadas esferas da atividade humana e os domínios discursivos a que pertencem. Ressaltam para o leitor que é primordial o conhecimento da diversidade dos gêneros para se inserir nas práticas de letramento acadêmico, bem como detectar a especificidade da escrita universitária.

Os autores têm a intenção, com essa forma de organizar a unidade 4, de mostrar ao leitor a padronização e a tipicidade dos gêneros acadêmicos mais consumidos nessa comunidade discursiva. Assim, recomendam atividades de escrita que têm como finalidade

fazer com que os leitores reconheçam os elementos circunstanciais de um resumo, de uma resenha e de um artigo científico.

O livro, nessa sua primeira parte da coleção *Escrever na universidade*, não se constitui como um manual nem para os professores nem para os estudantes universitários. O que é muito interessante, porque os autores, do seu lugar de professores de produção de texto e pesquisadores da área de Linguagem, não se põem no lugar de produtores de receitas, mas convidam o leitor a entrar em contato de modo bastante significativo com protocolos de leitura e escrita que o levam a pensar, refletir e compreender sobre cada uma das unidades temáticas descritas neste trabalho.

Essa é uma contribuição fundamental no campo de Letramento Acadêmico, motivo pelo qual a obra em tela é recomendada a toda a comunidade universitária. Vale sublinhar que a sua leitura e estudo devem ser presenteados a todos os estudantes de graduação e pós-graduação, primordialmente, isto é, aos que estão construindo os seus trabalhos de monografia, relatórios científicos, dissertações e teses que queiram e desejam um comprometimento com o ato da escrita acadêmica como algo não separado de sua formação profissional, científica, política e cidadã.

E mais, a proposta dos autores quanto ao suporte pedagógico necessário para a entrada dos atores da Universidade no domínio maduro do escrever se coaduna com o que Street aduz sobre:

Uma das razões por que desejo chamar sua contrapartida de ideológica é precisamente para assinalar que aqui não estamos simplesmente falando de aspectos técnicos do processo escrito ou do processo oral. Estamos falando, sim, é de modelos e pressupostos concorrentes sobre os processos de leitura e escrita, que estão sempre encaixados em relações de poder. (STREET, 2014, p. 146).

Esse modelo que Faraco e Vieira projetam na obra é crucial para questionar protótipos de leitura e escrita e, até mesmo, os adotados por várias instituições de ensino superior, que vêm com a denominação de nivelamento, concebendo sujeitos da e na escrita, no e do discurso como seres homogêneos capazes apenas de repetir padrões e, com isso, não os inserem no universo das práticas sócio-históricas, culturais e de poder que o ler e escrever na comunidade universitária mobilizam e acionam.

REFERÊNCIA

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014. 240p.